

being, outlining the theoretical framework that unites and guides the work of these scholars. Identity(ies) is/are clearly a unifying theme, but that does not cover the entire project. Four of the essays do not include the term “identity” in their Key Words.

We are here in the presence of a first – a collective book on the topic of identity covering a wide range of cultures published in English in Portugal. As such, the initiative must be saluted and applauded. One only hopes and expects that in the future we will be offered further excursions into these domains building upon what has been learned in this groundbreaking effort.

Onésimo Teotónio Almeida

<https://orcid.org/0000-0002-7662-3760>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_9_21

LEITURA EM VOZ ALTA NA AULA DE PORTUGUÊS. ESPAÇO(S) E MODO(S) DE INTERVENÇÃO

SANDRO PATRÍCIO GAMA NÓBREGA

Funchal: Município do Funchal, 2018

299 páginas. ISBN 978-972-9141-67-6

O estudo sobre as características enunciativas, a história e as condições de ocorrência em contexto pedagógico da leitura em voz alta que Sandro Nóbrega empreende neste volume é o resultado da investigação que desenvolveu, sob orientação da saudosa Doutora Cristina Mello, para o seu doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra. A obra replica a dissertação submetida a provas académicas em 2015, tendo-lhe sido feitas ligeiras modificações, na sua maioria decorrentes da alteração dos programas em vigor no Ensino Básico e no Ensino Secundário, cuja incidência se fez sentir em alguns aspetos do enquadramento pedagógico do objeto de investigação. O facto de esta incidência ter ocorrido é, só por si, sintomática da importância da obra em apreço. A leitura em voz alta é uma das componentes do domínio curricular da oralidade, ao qual, em sucessivas revisões dos programas escolares, foi reservado um lugar secundário na aprendizagem da língua materna, numa posição sempre subsidiária em relação à leitura – literária ou não (nas modalidades de compreensão, análise e interpretação a partir de um suporte impresso) –, à escrita e à gramática. Numa sucessão de contextos programáticos que lhe foram pouco favoráveis, a leitura em voz alta foi-se vendo relegada para funções que não lhe atribuem centralidade, confinada à condição de mecanismo primário de acesso ao texto, sem que a partir dela sejam trabalhadas as competências formativas e comunicativas que especificamente dela decorrem. As anotações que Sandro Nóbrega sentiu necessidade de acrescentar ao texto original da dissertação são sintomáticos da redistribuição mais equilibrada (ainda que apenas ligeiramente) dos domínios de conteúdos nos novos programas e nos documentos complementares entre-

tanto publicados, nomeadamente as Metas Curriculares e as Aprendizagens Essenciais de cada ciclo de ensino. E à oralidade foi, de facto, reconhecido, em várias vertentes, um novo protagonismo que abre a trabalhos como o de Sandro Nóbrega oportunidades de influência na ação dos professores e de intervenção no terreno que não seriam viáveis nos mesmos moldes nos quadros curriculares anteriores ao atual.

O grande mérito deste estudo reside na forma empenhada, informada e confiante como procede à reabilitação da leitura em voz alta, analisando-a sem omitir as contingências contextuais que têm dificultado a sua implementação na prática letiva e encontrando nos programas em vigor abertura, oportunidade e justificação para a reorientação do trabalho a desenvolver no Ensino Básico e no Ensino Secundário em torno desta estratégia ancestral de envolvimento do leitor e do “público” com a obra literária. É possível, pois, ler o estudo de Sandro Nóbrega como uma resposta ao desinvestimento pedagógico a que a leitura em voz alta tem sido submetida, fruto, em grande parte, da sua implementação na rotina das aulas como um dado adquirido, realizado sem planificação nem objetivo concreto, que a banalizou, secundarizou e converteu em mecanismo gratuitamente convocado como veículo imediato de atualização oral do texto perante um coletivo. E a esta situação generalizada de desqualificação contrapõe Sandro Nóbrega evidências e argumentos

que justificam a reconfiguração da leitura em voz alta como competência autónoma de comunicação oral, como modalidade interpretativa complexa e como índice hermenêutico do envolvimento do leitor com a obra literária.

A abordagem que a obra faz à leitura em voz alta inscreve o seu objeto, a começar logo pelo título, no espaço específico da aula de Português. A defesa de um reposicionamento da leitura em voz alta na formação escolar em língua materna é feita, portanto, no âmbito das competências de expressão e compreensão a partir do texto literário tal como elas são entendidas e desenhadas no quadro pedagógico vigente. Não é também ao acaso que é chamada ao título a palavra “intervenção”, reveladora da premência didática e do gesto pragmático que conforma a indagação científica em torno do tema, que se acredita ser crítico – e com toda a certeza é – no convívio escolar com a literatura e na aquisição de competências sólidas de assimilação, utilização e reflexão sobre a língua e as suas manifestações funcionais e estéticas. O trabalho de Sandro Nóbrega acompanha o movimento de requalificação de práticas seculares de trabalho com a literatura na disciplina de língua materna que, por razões várias, foram repelidas dos exercícios escolares na sequência da proliferação das teorias textualistas que condicionaram o ensino da leitura literária a partir da segunda metade do século XX. Foi o que sucedeu, por exemplo, com a paráfrase, competentemente requali-

ficada por Bertrand Daunay enquanto estratégia de compreensão, conhecimento e comentário crítico do texto no seu estudo *Éloge de la paraphrase*, publicado em 2002 pelas Presses Universitaires de Vincennes.

A investigação levada a cabo por Sandro Nóbrega e divulgada neste seu estudo consiste, como indica Cristina Mello no prefácio à obra, numa revisão da leitura em voz alta enquanto técnica e mecanismo de apropriação e interpretação do texto no domínio da oralidade. O desenvolvimento dado ao assunto assume claramente um intuito de promoção da estratégia estudada, justificado através de um exame amplo e minucioso das suas características e valor pedagógico, considerados suficientes para subverter o trajeto de “desvalorização” (p. 21), “apagamento (...) e desconfiança” (p. 243) que durante décadas coartou a sua autonomização nas práticas escolares e suportar a proposta da sua legitimação e reconversão no atual quadro curricular do Português nos trâmites defendidos ao longo da obra. Este trajeto, cuja força demonstrativa apresenta como argumento definitivo a auscultação de alunos e professores, bem como a descrição pormenorizada de um estudo de caso, engloba três grandes momentos, ligados na intenção de requalificação pedagógica da leitura em voz alta, mas dotados de autonomia analítica enquanto instrumentos de conhecimento do tópico investigado. A primeira parte, cujo título, “De viva voz: ecos de outros

tempos”, explicitamente invoca as origens remotas da leitura em voz alta e apresenta um elenco de documentos históricos que, em diferentes suportes, atestam o relevo que esta prática de realização oral do texto foi assumindo nos mais diversos contextos civilizacionais, epocais e sociais. Fica provado, neste limiar arqueológico, de função eminentemente propedêutica, que a leitura em voz alta é um exercício ancestral de socialização e de democratização do acesso ao texto literário cuja progressiva perda de protagonismo na disseminação do campo literário decorreu da vulgarização e generalização, até aos dias de hoje, da leitura como fenómeno realizado por meios que dispensam a envolvimento coletiva e que ocorre, sobretudo, no espaço individual, em contexto de intimidade e silêncio.

Após este capítulo introdutório, a obra entra na sua parte mais densa e substancial, em que é tratado o assunto que dá corpo ao estudo desenvolvido. Trata-se, por isso mesmo, da secção mais extensa e foi nela que se concentrou o principal investimento da investigação, tendo em vista distinguir e caracterizar, num primeiro momento, as diferentes componentes que integram a leitura em voz alta para, numa segunda etapa, passar a descrever, analisar e avaliar as modalidades da sua existência no espaço de ensino da língua materna. Estes dois momentos estabelecem um diálogo permanente no texto, pelo que, em diferentes ocasiões, há a necessidade de romper a lógica

sequencial do seu tratamento e abordá-los em articulação. Este procedimento não só se justifica epistemologicamente perante a complexidade do objeto, como se mostra adequado à sua descrição no contexto escolhido, uma vez que toda a teorização sobre a leitura em voz alta que Sandro Nóbrega efetua tem em vista a sua (re)legitimação no campo da educação literária, fazendo, portanto, sentido que todas as aproximações feitas aos aspetos cognitivos, fisiológicos, psicolinguísticos, prosódicos e comportamentais da leitura em voz alta estejam orientadas para a discussão do seu lugar na formulação dos “percursos pedagógicos e didáticos” (pp. 151-171) que constituem o fulcro deste segmento do livro. Sintomaticamente, a descrição destes percursos ocorre após a clarificação de um conceito-chave na argumentação de Sandro Nóbrega, que é o de leitura performativa, a que mais adiante regressaremos, pois é nele que o investigador fará ancorar o seu projeto de recuperação e revitalização da leitura em voz alta no âmbito da disciplina de Português.

A terceira parte do livro amplia a dimensão utilitária e de aplicação ao campo do ensino que caracteriza já a etapa que a precede, vindo ilustrar e justificar o destaque que o título dá ao seu objeto enquanto matéria de *intervenção* pedagógica. Por via da descrição de um estudo de caso conduzido em várias escolas da Região Autónoma da Madeira, é tecida uma série de considerações finais que, para

além de virem sublinhar os traços que distinguem a leitura em voz alta como atividade esteticamente significativa e com relevo social (ainda) reconhecido, sobretudo no espaço da escola, reforçam a urgência de uma reconfiguração de práticas que venham rentabilizar as vantagens formativas para os alunos dos bons desempenhos que consigam ter neste domínio. E a síntese dos constrangimentos identificados no estudo de caso e elencados na página 238 do livro prova que há um longo caminho a percorrer na consolidação e generalização de conhecimentos em torno do assunto em pauta. Importa destacar a amplitude e o alcance deste estudo de caso, visto que não envolveu apenas os habituais procedimentos de observação e medição de variáveis em contexto real (mediante questionários, entrevistas ou participação mais ou menos direta em atividades escolares relacionadas com o objeto estudado), mas também uma componente ativa de reflexão partilhada com os agentes imediatos da mudança pretendida – os alunos e os professores –, que incluiu parcerias artísticas e culturais, visitas a escolas, ciclos de formação e jornadas científico-pedagógicas especificamente dedicadas ao tópico estudado.

Embora toda a argumentação montada no livro esteja orientada para a utilização da leitura em voz alta enquanto estratégia pedagógica e recurso ativo das aulas de Português, o foco que nele é dado ao assunto ultrapassa esse âmbito localizado de análise

e inclui importantes reflexões acerca do seu valor intrínseco e dos elementos técnicos envolvidos na sua execução. Estes elementos descritivos são transversais aos vários momentos da obra e surgem recorrentemente a título de exemplo ou de argumento ao serviço do *rationale* que sustenta a investigação. É com eles que se constrói o esteio teórico do livro e é também através deles que o leitor é, em simultâneo, confrontado e esclarecido acerca da imprescindibilidade da leitura em voz alta na formação dos indivíduos e, em consequência, na conformação escolar dos saberes e dos usos da língua materna. O primeiro desses elementos é abundantemente invocado e diz respeito a um traço fundamental da leitura em voz alta, que é a sua dimensão performativa. Tendo um cuidado particular na distinção entre a simples oralização expressiva de um texto literário e a leitura em voz alta em que se exige um envolvimento profundo com o texto e a sua posterior interpretação perante um coletivo de ouvintes, o investigador prova que o espaço natural de conceptualização da leitura em voz alta é o da *performance* artística e não o da leitura *tout court*. O leitor é, na verdade, um intérprete que presentifica o texto mediante a circunstância física e corporal que decorre da individualidade da sua voz, dos seus gestos, da sua ocupação e deslocação pelo espaço performativo e da combinação da execução vocal com os restantes recursos expressivos (musicais, rítmicos, plásticos ou até digitais) de que se

pode rodear e servir perante o coletivo no momento da oralização. Esta chamada de atenção de Sandro Nóbrega para a natureza performativa da leitura em voz alta alerta-nos para a complexidade que se esconde por detrás de uma operação que, nas várias atividades do quotidiano que dela se socorrem, nomeadamente as escolares, se banalizou, sendo solicitada e realizada sem qualquer tipo de suporte, preparativo ou ambiente propício. Torna-se agora claro que a leitura em voz alta não só deve ser entendida como ato hermenêutico, por se constituir como manifestação da compreensão, no sentido ricoeuriano, ou seja, como ação que encerra e simultaneamente veicula uma interpretação de um discurso, como também tem subjacentes algumas condicionantes operacionais de que dependem o seu sucesso e a sua eficácia, como sejam o contacto prévio com o texto, a sua interiorização por parte do intérprete, a disponibilização de um tempo de preparação para a sua execução e a existência de um enquadramento cénico, mais ou menos sofisticado, que permita a sua conversão em *happening* perante o público.

O entendimento da leitura em voz alta como *mise-en-scène* e como *performance* coloca a tónica na sua natureza artística e obriga-nos a refletir, nos mesmos termos, sobre a condição do texto literário sobre o qual é exercida. Nem sempre – e muito menos em contexto escolar – existe, por parte de quem lê e analisa a literatura, o cuidado

vigilante de a manter sob um protocolo de recepção estética que respeite a sua condição de obra de arte. A condição artística do objeto literário fica muitas vezes submergida perante a banalidade dos meios que o veiculam, multiplicam e tornam acessível ao público. A surpreendente ubiquidade da literatura e a condição não museológica da sua existência enquanto arte perante a aceleração e o desdobramento imparável dos meios técnicos que permitem a sua reprodução atingiram dimensões exponenciais e foram anulando o halo ritual da sua presença na vida dos indivíduos. Contudo, a apresentação do texto literário em voz alta possui a capacidade de recuperar a força sincrética do literário, pelo que a sua realização em sala de aula é, graças à abrangência massificada da sua influência, o recurso que melhor consegue levar a experiência particular da literatura que ela viabiliza a um maior número de cidadãos. E este segundo argumento tem justificadamente grande peso na defesa que Sandro Nóbrega faz da leitura em voz alta, ao configurá-la como mecanismo básico de manifestação da essência estética do texto literário numa pedagogia da literatura que tantas vezes a atropela.

Um último fundamento decorre, em termos quase imediatos, da invocação de posições teóricas de Paul Zumthor e Georges Jean em que se dá relevo ao regime de envolvimento comunitário com que a leitura em voz alta partilha e consagra o texto literário. A trans-

versalidade deste argumento ao longo do livro não ocorre ao acaso, tendo em conta que ele congrega vários dos traços que legitimam a leitura em voz alta como estratégia fundamental na pedagogia da literatura. O transporte do texto literário para o coletivo por via da leitura performativa prolonga e celebra uma manifestação quase intemporal da arte da palavra e potencia qualidades do discurso escrito que poucos objetos de conhecimento presentes no currículo estimulam da forma única como a literatura o faz. Neste nosso tempo de leitores solitários, essas qualidades que Sandro Nóbrega vem relembra, como a disciplina no ato de ler, o cuidado de assegurar a compreensão da parte de quem ouve, a coexistência legítima de interpretações plurais, a formalidade ritual exigida pela reunião de leitor(es) e ouvinte(s), assim como a força cerimonial que a materialização vocal da palavra escrita durante a leitura performativa requer, são exatamente as que Alberto Manguel convoca no fecho do capítulo “Leitura ouvida” de *Uma história da leitura* (Lisboa, Presença, 1999, p. 133). Não é de admirar que tal invocação seja feita à sombra de Diderot, que, num texto de 1759, se referia à “leitura entre amigos” como “um sistema combinado de interesses” em que prevalece e triunfa sempre a lei do próprio texto.

Rui Manuel Afonso Mateus

<https://orcid.org/0000-0002-9127-5725>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_9_22